

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 99 — Domingo, 1 de Maio de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPRE E LEIA
"CARA ALEGRE"

A melhor revista
portuguesa de humorismo

À venda nas Livrarias — Preço 4\$00

AVENÇA



VINTE E SETE ANOS
ao serviço

DA NAÇÃO

COMPLETARAM-SE, na passada quarta-feira, vinte e sete anos sobre a entrada do sr. prof. dr. Oliveira Salazar para o Governo da Nação, como ministro das Finanças. Vinte e sete anos de acção exaustiva, de dedicação estrema pelo bem público e pelo engrandecimento nacional — a começar pelo restabelecimento do equilíbrio económico, e prosseguindo com uma sábia renovação e inteligente impulso nas principais actividades da vida portuguesa, tanto no continente como no ultramar, restituindo a um Portugal novo o engrandecimento, perante os portugueses e o Mundo, o seu antigo prestígio.

Uma inteligência privilegiada e uma vida inteiramente votada ao serviço do País escreveram, nestes vinte e sete anos que se completaram agora, algumas das páginas mais brilhantes da nossa História.

Por isso lhe estamos gratos, todos os portugueses.

SILHUETAS DO MEU TEMPO

UMA FAMÍLIA de príncipes

Por FERNANDO MORAIS

TODOS os habitantes das pequenas terras de província, seja em Portugal, na Irlanda ou no Texas, possuem a par das naturais diferenças de ambiente, raça e grau de civilização, uma característica que lhes é comum: o espírito bisbilhoteiro em relação aos vizinhos, aliado à fértil imaginação para suprir o que da vida dos mesmos não puderem intuir-se. A gana de intromissão destes detectives-amadores no viver íntimo de cada um é tal que, se não obtêm resultado as perguntas indiscretas, não hesitam em servir-se dos mais ardilosos expedientes, na sua devas-

sa do lar e da vida alheia, mesmo nos aspectos familiares de mais recato e melindre.

Pouco depois da primeira Grande Guerra, talvez por volta de 1919, instalou-se nesta linda Vila Real de Santo António uma família estrangeira,

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)

POR UM PORTUGAL MAIOR

SENDO Portugal, no seu território metropolitano, uma Nação supostamente pobre de recursos minerais, entre os quais avulta uma falta muito acentuada de combustíveis sólidos, a par de uma ausência aparente de petróleo, lógico seria que desde longa data os nossos governos viessem dando o melhor do seu esforço no sentido do melhor aproveitamento de outros recursos naturais de que temos maior abundância.

Como é intuitivo, um país sem energia eléctrica pode considerar-se praticamente moribundo. Porém, não foi isso o que esses

ESPERA-SE QUE COMECEM BREVEMENTE OS TRABALHOS DE ABERTURA DA NOSSA DOCA DE PESCA

TEM-SE revelado muito frutuosa para a nossa província a honrosa visita que nos fez o sr. ministro das Obras Públicas. Como consequência da referida passagem do sr. eng. Arantes e Oliveira por estas nem sempre lembradas Terras do Sul, já receberam alguns Municípios algarvios verbas para obras, em regime de comparticipação. Atentou-se nesse problema magno das Caldas de Monchique, que parecia não ter mais solução; reparou-se também na vergonhosa situação do apeadeiro internacional do Guadiana, triste amostra de um país onde se fala muito de turismo, mas onde as realizações, pelo menos no que diz respeito a esta fronteira, não têm passado dos domínios dos projectos; e, finalmente, encarou-se, com enérgica vontade de o resolver, o problema da nossa doca de pesca.

Os estudos estão, a bem dizer, ultimados e aguarda-se agora que o Ministério das Finanças conceda ao das Obras Públicas as verbas para se dar começo ao im-

Eng. Pessanha Viegas

NO passado dia 20 de Abril, esteve nesta vila, na sua habitual visita, o sr. eng. Pessanha Viegas, director dos Serviços de Urbanização do distrito de Faro, onde tratou de assuntos de interesse para a nossa terra.

portante melhoramento, que interessa a todo o litoral algarvio.

Tudo indica que as obras começarão brevemente.

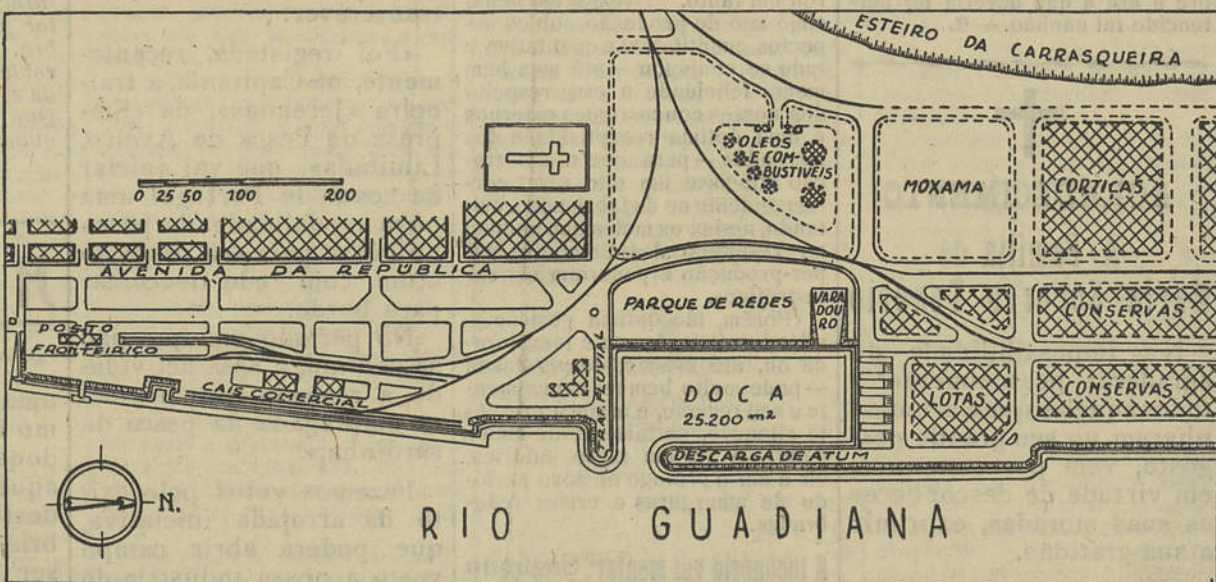
A doca fica situada a montante do cais marítimo, tem a forma rectangular, uma área molhada de 2,52 hectares e 240 metros de

comprimento por 105 de largura. Os seus fundos asseguram-lhe, na maior baixa-mar, uma altura de água de 4 metros.

Os produtos provenientes da dragagem serão utilizados na criação dos traplenos para os depósitos de óleos, serviços do porto

e parte da futura zona industrial, na qual ficarão situadas oficinas metalúrgicas e fábricas de cortiça e conservas, que se projecta transferir de outros centros menos favorecidos pela pesca. Na planta que publicamos, está delimitada

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)



O PROBLEMA AGRÁRIO PORTUGUÊS NUM NOTÁVEL ESTUDO DO DR. MÁRIO GONÇALVES VIANA

O PROBLEMA agrícola é, em Portugal, assunto de extraordinária e premente importância, o que se compreende, visto que a população aumenta constantemente de densidade, e não só as áreas de cultivo não se desenvolvem, como até os próprios meios de produção se limitam, na grande e esmagadora maioria dos casos, aos mais elementares e primitivos. Portanto, o actual desequilíbrio entre a produção e o consumo tende a agravar-se, não só pelas razões acima apontadas, mas também porque os novos hábitos, contrários em contacto com as influências dos povos que nos rodeiam, provocam em nós, incessantemente, novas necessidades, que só podem ser satisfeitas mediante a importação, paliativo que não po-

de perdurar, a não ser que, pelo menos, em troca do que se importa, tenhamos algo para exportar.

É claro que o assunto da alimentação no nosso país, e das respectivas normas e processos de actividade agrícola, é apenas pequeno

parágrafo do colossal problema da alimentação dos habitantes de todos os povos do mundo, o que é, evidentemente, obra muito mais séria, grave e complexa, exigindo, portanto, estudos mais circunstancia-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

SANTA SENHORINHA e o seu milagre

Pelo Major SOUSA NUNES

SANTA Senhorinha era filha do conde Hufo Hufes, o terceiro varão de que o conde D. Pedro dá fama da antiga e tão ilustre família dos Souses, e de sua mulher D. Teresa, irmã do conde D. Gonçalo Soares.

Seu pai deu-lhe o nome de Senhorinha por ela ser miudinha de corpo, ao nascer. Pouco tempo depois faltou-lhe a mãe, e foi confiada aos cuidados de sua tia, D. Godinha, abadessa no mosteiro de Vieira, da ordem de S. Bento. Vieira é um concelho situado nos confins de Entre-Douro e Minho, junto da Serra da Cabreira, onde nasce o rio Ave, e donde foi natural o pai de Santa Senhorinha. Confiada a menina aos cuidados de sua tia D. Godinha, foi-lhe aquela imitando as virtudes, na medida que crescia.

Conhecendo as suas boas qualidades e extrema formosura, um nobre moço, de grandes famílias, sentiu por ela uma grande paixão e pretendeu-a em casamento, quando era ainda muito nova. Porém, Santa Senhorinha já tinha por esse tempo votado a Deus seu corpinho e a sua alma, e nada lhe podia fazer, apesar de também gostar muito dele.

Quando D. Hufo Hufes soube que sua filha se votara a Deus, tão nova e tão feliz, sentiu um profundo desgosto e fez quanto pôde para a dissuadir de tal intento, nada conseguindo. Baldados foram também os esforços empregados por sua tia, por que ela casasse com um rapaz que tanto agrava a todos, e tudo foi inútil.

Por último, o pai, não conhecendo remédio a dar à sua inclinação, acedeu a que vestisse o hábito de S. Bento, e incitou-a a seguir em tudo os exemplos da tia Godinha, que lhe servira de mãe. O belo apaixonado, diz-se que se finara, em pouco tempo, pois já naquelas eras, tão recua-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

A NOSSA TERRA

HÁ TRINTA ANOS...

PARECEM de flagrante actualidade estas palavras, escritas pelo sr. dr. Luis Medeiros Antunes, em artigo intitulado «A Escola Comercial e Industrial», aquando da sua criação nesta vila, em 1925:

«Assim se encontra em via de realização uma justa aspiração de Vila Real, que seria para estranhar não ver realizada, quando muitas terras do País, de somenos importância industrial e dum movimento comercial incomparavelmente inferior, foram dotadas com escolas de lata organização e onde à sua influência se não abre um tão vasto campo para uma profícua acção.» E mais adiante, prossegue:

CASAS PARA POBRES

EM SILVES

POR portaria, foi autorizada a Câmara de Silves a ceder a fábrica de Nossa Senhora da Conceição, daquela cidade, com destino à construção de casas para pobres, uma parcela de terreno com a área de 200m², sita na cerca da Feira.

Conta Gota

Por MARIA MANUELA NUNES

Papollas

As papoilas brincavam, em grupos, no meio da verdura alta. Brincavam, com a sua bela, rubra cabeleira balançando ao vento como quem acompanha o ritmo dum canção. De repente, uma nuvem de poeira rola na estrada. É um carro, e dentro do carro, eu. Volto-me, e o coração começa a bater-me doidamente. A beirinha da estrada, muito tempo, está coberta de papoilas. Elas vieram, apressadas, cumprimentar-me, render-me graças, não sei porquê. Só se for... Só se for por eu não descrever nunca de que os belos campos do meu país, estão juncados de papoilas.

O silêncio não existe

O silêncio não existe. Mais que certo; o silêncio não existe. É uma ficção. Naquilo que se chama «silêncio», há sempre algo vibrando, quer dizer, algo que destrói o silêncio. Agora, por exemplo, que tudo à minha volta parece ausente... Qualquer coisa, longe ou perto, poesia ou música, seja o que for, de qualquer modo uma presença. Um saco imenso onde cabem seres tão diferentes como o fumo das usinas, os trapeiros matinais, os moradores do lento, as crianças-de-desperdiço, uns olhos confiantes e sérios, minhas humildes mãos, em concha, florescendo.

Em verdade vos digo

A «Gata-borralheta»: aqui está uma história que eu abomino. Os estragos que ela tem

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

INAUGURAÇÃO DE MELHORAMENTOS

NO ALGARVE

O MINISTÉRIO das Obras Públicas, como é já tradição e para comemorar o período que se prolonga até 28 do corrente, mandou inaugurar melhoramentos em todo o País. No Algarve, as inaugurações são as seguintes:

Edifícios escolares—Albufeira —Paderne: um edifício (duas salas) masculino, e um edifício (duas salas) feminino; Lagoa—Estômbar —Parchal: um edifício (duas salas) gêmeo; Tavira—Santa Maria —Tavares: um edifício (duas salas) masculino, e um edifício (duas salas) feminino. Cantinas escolares —Albufeira—Paderne. Abastecimento de água —Monchique: à povoação de Marmeleite. Obras diversas—Lagos: dispensário antituberculoso; Loulé: variante à E. N. 125, para supressão da passagem de nível da Maritenda; Portimão: dispensário antituberculoso.

OBRAS

DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA

O MINISTÉRIO das Obras Públicas, pelo Fundo do Desemprego, concedeu as seguintes verbas: S. Brás de Alportel, para abastecimento de água à vila, 1.ª fase, pesquisas, reforço, 10.000\$00; Faro, para ampliação do abastecimento de água à cidade, 1.ª e 2.ª fases, reforço, 61.300\$00; Lagos, para reforço do caudal do abastecimento da vila, pesquisas, reforço, 35.100\$00; e Silves, para pesquisas de água destinada ao abastecimento de diversas povoações do concelho, Alcantarilha, reforço, 5.266\$00.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com pouca demora, esteve nesta vila, de visita a sua família, o nosso querido amigo e assinante sr. João Rodrigues Lima Centeno, Tesoureiro da Fazenda Pública em Setúbal, que acompanhado de sua esposa seguiu viagem para Sevilha.

Acompanhado de sua esposa, também esteve nesta vila o nosso conterrâneo sr. João Adelino Rodrigues Centeno, funcionário da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, em Setúbal.

Seguiu há dias para a Vidigueira o nosso prezado amigo e assinante sr. Flaminio José Gil, funcionário da F. N. I. M.

Em viagem pela Europa, partiram há dias, acompanhados de suas esposas o sr. Matias Barroso Gomes Sanches, vice-presidente da Câmara Municipal desta vila, e seu cunhado sr. eng. José Baptista Borges.

Para assistir ao funeral do sr. João Ribeiro Barbosa, seu parente afim, esteve nesta vila o nosso estimado amigo e prezado assinante em Vila Praia da Ancora (Minho), sr. Jordão Deleyto Domingues.

Encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo sr. António Felício, funcionário da F. N. I. M.

A assistirem ao casamento de seu primo sr. António Gomes Horta, estiveram nesta vila, com pouca demora, os nossos prezados amigos e conterrâneos srs. capitão Fernando Silva Branco e dr. Inácio Silva Branco, acompanhados de suas esposas.

Também estiveram entre nós o sr. coronel aviador João Faustino Albuquerque de Freitas, acompanhado de sua esposa sr.ª D. Anaiz da Silva Horta de Freitas, que vieram assistir ao casamento de seu sobrinho.

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o nosso conterrâneo sr. José Morgado Rosa, funcionário da Câmara Municipal de Lisboa.

Partiram para San Fernando (Espanha) o sr. Manuel Moreno e D. Rita Morais Moreno.

Encontra-se entre nós o nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Domingos, Industrial Hoteleiro e concessionário do Hotel Guadiana, desta vila.

A fim de liquidar a sua assinatura, deu-nos o prazer da sua visita, na nossa redacção, o sr. Domingos António Afonso, nosso prezado assinante em Marim-Pereiro, Alcoutim.

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o nosso conterrâneo e assinante em Lagos, sr. José Pedro do Nascimento Delgado.

Casamentos

Em 25 do mês transacto, realizou-se o casamento do sr. António Domingos Bento Néné, torneiro mecânico, natural desta vila, filho do sr. Francisco Gomes Néné e de D. Cecília Bento Domingos Néné, já falecidos, com a sr.ª D. Maria da Encarnação Gomes Baptista, das Hortas, filha do sr. Joaquim Gomes Baptista e de D. Teresa Morais Baptista.

Foram padrinhos do acto civil, por parte do noivo, sua irmã e cunhado, sr.ª D. Carmen Néné Silva Oliveira e o sr. Frederico Silva Oliveira, e por parte da noiva, o sr. Teodoro Gomes Baptista.

a aproveitar, seria para lastimar que ficassemos reduzidos a ver a nossa Escola com as modestas proporções duma Escola de Artes e Offícios...

Em artigo de fundo, de José Temudo, sob o título «Real Cidade de Santo António», o brilhante articulista finaliza, ironizando a propósito do título de cidade:

«Vila Real, em vez de pedir ao Estado esse título honorífico, pediria melhoramentos, pediria escolas industriais, escolas de pesca, etc., etc.»

«Vila Real construirá o seu grande porto, que ficará o melhor da província, arranjará novas avenidas, tratará da canalização das águas, e, depois de tudo isto, Vila Real dir-se-á Cidade, mesmo sem... lavar.»

PELA PROVÍNCIA ALCOUTIM

Casamento

Realizou-se na Igreja Matriz desta vila, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Silvéria Rita, prendada filha do sr. Joaquim Rita e da sr.ª D. Maria Amélia, com o sr. João Parreira Baptista, marinheiro, residente em Faro, filho do sr. João Baptista e da sr.ª D. Bárbara Parreira.

Paraninaram o acto, por parte da noiva, o sr. António de Rios Salas e a sr.ª D. Silvéria Maria, e por parte do noivo, o sr. Joaquim Manuel Rita e a sr.ª D. Solange Salas.

Após a cerimónia, foi servido, na casa da noiva, um finíssimo copo de água, seguindo os noivos para Faro, onde fixaram residência.

Achado histórico

Quando se encontrava a proceder a umas escavações para montar uma sebe, no castelo desta vila, o sr. Manuel João Pereira Costa deparou, ao cavar, com um objecto rijo, que a princípio julgou ser pedra; mas ao escavar em volta, viu que se tratava de parte do cano de um antigo canhão com cerca de 1,20 m de comprimento e 25 cm de espessura.

Este achado fez correr ao castelo algumas pessoas, não havendo quem possa dar informações sobre a era a que deveria ter pertencido tal canhão. — c.



AGRADECIMENTO

A Família de Maria Socorro Tenório

Na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todos aqueles que a acompanharam no seu grande desgosto, vem por este meio, em virtude de desconhecer as suas moradas, exprimir a sua gratidão.

Guarda - Livros

Jovem, de 23 anos, colaborador deste jornal, oferece-se para Guarda-livros, ajudante de Guarda-livros ou lugar compatível em qualquer empresa comercial ou industrial.

Resposta a este jornal ao n.º 1355.

PROPRIEDADE

Vende-se, em Tavira, junto à Estrada Nacional, no sítio de Val-Carangejo, uma propriedade de boas terras, abundância de água e arvoredo.

Recebem-se propostas até ao dia 31 de Maio. Caso não convenham, reserva-se o direito de não entregar.

Tratar com Francisco Ferro, Rua Almirante Cândido Reis, 46 - Tavira.

ta e D. Maria Teodoro Baptista. Aos recém-casados, desejamos muitas felicidades.

Na igreja matriz de Castro Marim, celebrou-se, em 28 do passado mês, o casamento do sr. António Gomes Horta, natural desta vila, filho do sr. António dos Santos Horta e de D. Felisberta Gomes Horta, com a sr.ª D. Mireia do Carmo Rafael Brito, filha do sr. António do Carmo Brito, chefe da secção litográfica da firma Parodi, e de D. Isabel do Carmo Rafael Brito.

Foi celebrante da cerimónia o rev. Prior Galhardo, desta freguesia, e apadrinharam o acto, por parte do noivo, seu pai e sua tia, D. Anaiz Horta de Freitas, e por parte da noiva, o sr. António da Cruz Martins e D. Clara Tenório da Cruz Martins.

Ao novo casal, auguramos as maiores felicidades.

Nascimento

Numa maternidade da capital, teve o seu bom sucesso, dando à luz um menino, a sr.ª D. Maria Luísa Ribeiro de Sousa Travassos, esposa do nosso prezado assinante sr. Joaquim Travassos, distinto agente técnico de engenharia.

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

A situação da Indústria de conservas

De uma entrevista concedida ao vespertino «República» pelo sr. José Ferreira Barbosa, presidente do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe do Norte, pedimos licença para transcrever o seguinte trecho:

«No nosso país, seria injustiça ignorar o que se tem feito a tal respeito, e ilegítimo não reconhecer o interesse que as entidades responsáveis têm demonstrado pela indústria das conservas de peixe. Simplesmente, julgo indispensável mais alguma coisa que as circunstâncias impõem gritantemente. Confio, aliás, na próxima publicação de medidas que uma grande parte da indústria vem reclamando ou solicitando, de há certo tempo para cá.

«É indubitável que no ano findo a situação da indústria melhorou um tanto. Tivemos um belíssimo ano de produção, sob os aspectos quantitativo e qualitativo e tudo se conjugou — até uma bem menor felicidade a esse respeito dos nossos concorrentes externos e uma óptima receptividade dos mercados — para que a exportação atingisse um alto nível correspondente ao da fabricação, evitando, assim, os males que podiam ter resultado dessa relativa super-produção e poderiam ser catastróficos.

«Porém, tão óptima posição — aliás insuficientemente explorada ou, até mesmo, desperdiçada — pode muito bem ter rapidamente o seu reverso, e assim a presente situação, certamente de maior calma, e até um tanto eufórica, vir a ser o prólogo de novo período de amarguras e crises redobradas.

Indonésia vai montar Segundo fábricas de conserva

Segundo 'Notícias da Indonésia', o o Ministério da Agricultura daquele país em cooperação com a FAO tenciona reconstruir, nos meses mais próximos, uma estação de pesca marítima na praia de Kota Baru, capital da regência do mesmo nome, situada no sueste de Kalimantan (Bornéu). A estação projectada ficará sendo a maior da Indonésia, pois será mais vasta que as de Ambon, Minahasa, Bagan Siapi-api e outras. Segundo o plano, no valor de alguns milhões, a estação ficará concluída dentro de cinco anos.

Os pescadores serão instruídos na pesca moderna, na referida estação, que se destina também a tornar-se a base para a pesca durante toda a época, com apetrechos modernos e barcos a motor.

Segundo o plano, serão também montadas fábricas de conserva, de modo que, dentro de alguns anos, não só serão completamente supridas as necessidades alimentares do povo indonésio, respeitantes a peixe, como também haverá oportunidade para a exportação.

No ano findo, a pesca na Indonésia foi de 895.000 toneladas, mais 20.000 toneladas que o ano passado.

Da produção de 1954, três quartas partes foram sal-

gadas ou secas, para consumo interno. O restante foi vendido fresco, e uma pequena parte deste foi exportada.

Quanto à importação, a média mensal, incluindo o peixe em conserva, é de 3.000 toneladas.

Todavia, a produção nacional, mais as importações, não são suficientes, pois abastecem só um terço da procura, visto que os oitenta milhões de habitantes da Indonésia necessitam de cerca de 1.600.000 toneladas de peixe por ano.

Nova modalidade de pesca

No nosso prezado colega «Litoral», de Aveiro, encontramos a curiosa local que pedimos vénia para transcrever:

«Foi registada, recentemente, na Capitania, a traineira «Jeremias», da «Empresa de Pesca de Aveiro, Limitada», que vai iniciar na costa de Portugal uma nova modalidade de pesca no nosso país — a pesca do atum, com rede de cercar para bordo.

No período em que não se dedique a essa actividade, a referida traineira será empregada na pesca da sardinha.»

Fazemos votos pelo êxito da arrojada iniciativa, que poderá abrir campo vasto à nossa indústria de atum e à economia da província. — J. B.



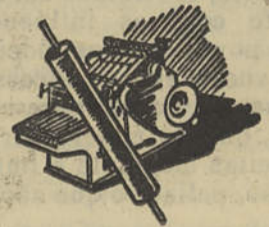
Dr. JOÃO FRANCISCO DIAS ALCOUTIM

AGRADECIMENTO

Sua família, por desconhecer grande número de nomes e moradas, e com receio de cometer qualquer omissão, serve-se deste meio para agradecer, penhoradamente, a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada, e bem assim a todos os que por qualquer forma lhe manifestaram o seu pesar.

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS



As mais modernas máquinas automáticas ao serviço nas nossas oficinas, que V. Ex.ª deverá preferir para a confecção de IMPRESSOS e CARIMBOS

TELEFONE 58 APARTADO 3 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Conta Gotas

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

causado! Uma autêntica peste, mas uma peste amena, que mata sem se dar por isso. Uma fada, uma varinha de condão... e pronto, eis a felicidade...

...Quando o certo, o certo, o certo, é que o destino das «gatas borralheiras» é a infelicidade; e que desde tempos sem medida, se sabe que a felicidade, tal qual o pão de cada dia, só é bem nossa e firme quando se conquista com o sagrado suor do nosso rosto.

Os leitores gostaram daquele epigrama; outro, então

Um certo ricoço, emérito na arte de ganhar dinheiro, vendo na morte um vespeiro, redundou em benemérito. Ouro pra aqui e pra ali... «Que nobreza em empregá-lo!», diz alguém; torna outro ali: «Mas tê-la-ia em ganhá-lo?»

Programa

Ensinar... A vida tem horizontes maravilhosos, e um deles é ensinar. Ensinar é crer no futuro. E' crer na vida. Plantar uma árvore é frutos e sombra. E' amanhã. No acto de ensinar, há todo um programa de esperança. E de confiança. Que cousas belas se aprendem quando se ensina!

Maria Manuela Nunes

A doca de pesca

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

uma zona para moxama, ramo industrial que foi abandonado há anos, pelo que aquele terreno poderá ser destinado a instalações fabris, com a vantagem de ser servido também pelo curso de água do esteiro da Carrasqueira. Que magnífico local para implantação de uma fábrica de cortiças!

Na nova doca se passará a fazer o serviço de pesca e de tráfego fluvial. Compreenderá, além do mais, um varadouro para reparação de traineiras e outras embarcações, anexo a um vasto parque de redes; cinco linguetas para descarga de peixe destinado ao consumo interno, e aproximadamente 300 metros de cais acostável para carga e descarga de mercadorias, atum, etc.. A face Sul destina-se ao tráfego fluvial, e a face Oeste ao serviço da pesca. Os acessos acham-se estudados, bem como as canalizações de água, esgoto, instalação eléctrica e o apetrechamento. Um edifício junto às linguetas, no topo Norte, a construir também, destina-se à lota e expedição de peixe fresco.

Entre a nova doca e o cais comercial, fica um intervalo de cem metros, para a hipótese de ser necessário acrescentar estes, o que se espera ocorra dentro de poucos anos, verificado como está que é este o único porto do Sul que é verdadeiramente um porto.

Aproveitamos o ensejo para agradecer ao «Século», o grande paladino das aspirações das terras de província, a defesa que tem feito deste importante melhoramento para o Algarve.

VENDEM-SE

2 depósitos para azeite, com capacidade para 2650 litros, cada, e um grupo moto-bomba, tudo em muito bom estado.

Tratar ao n.º 1356 deste jornal, ou telefone 158.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 23 a 29 de Abril:

TRAINEIRAS

Brisa	244.920\$00
Raulito	184.875\$00
Levante	147.860\$00
Leste	62.630\$00
Pérola do Guadiana	53.340\$00
Maria Rosa	45.500\$00
Infante	36.875\$00
Flor do Guadiana	22.055\$00
Tufão	20.340\$00
Flor do Sul	15.330\$00
Sam Domingos	13.435\$00
Liberta	11.640\$00
Briosa	11.105\$00
Carmela	10.630\$00
Agadão	9.310\$00
Janita	9.070\$00
Deolinda Rita	6.530\$00
Sr.ª da Piedade	5.740\$00
Noroeste	930\$00
Restauração	700\$00
Total	912.815\$00

CERCOS

Amazona	16.030\$00
Cruzeiro	4.520\$00
Total	20.550\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 23 a 29 de Abril:

Entradas:

MADEIRENSE, Português, de 497 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
SÃO MACÁRIO, Português, de 1039 ton., de Lisboa, vazio.
MURTEN, Suíço, de 511 ton., de Tânger, com carga em trânsito.
CASTILLO DAROCA, Espanhol, de 1'06 ton., de Málaga, vazio.
CARAMULO, Português, de 340 ton., de Gibraltar, com carga em trânsito.
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.

Saídas:

COSTEIRO, Português, com minério, para Lisboa.
MADEIRENSE, Português, com sal, alfarroba, alcófas e vassouras de palma, para o Funchal.
MURTEN, Suíço, com conservas, para Génova.
SÃO MACÁRIO, Português, com minério, para Lisboa.
CASTILLO DAROCA, Espanhol, com minério, para Saint Maló.
COSTEIRO, Português, com minério, para Lisboa.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 30 de Abril a 6 de Maio, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda - Telefone 64.

CINE-FOZ

Apresenta, hoje, o filme premiado com 8 Oscars, *Até à eternidade*, com Burt Lancaster, Montgomery Clift, Deborah Kerr, Frank Sinatra e Donna Reed.

A história de todos os dias, em todas as latitudes, com seres de todas as raças e de todas as cores, de todas as religiões e de todas as facções políticas; hoje, amanhã e sempre, enquanto houver homens, *Até à eternidade*.

(Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

Quinta-feira, 5, apresenta a engraçada comédia, *O bombeiro atómico*, com Cantinflas, Roberto Soto e a pequenita Elisa Quintanilla. Cantinflas desintegrará o mundo com a sua bomba de gargalhadas. (Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República

— Telefone 12 —

Visado pela Comissão de Censura

SILHUETAS DO MEU TEMPO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

que durante muitos anos constituiu um foco atractivo da curiosidade local, e deu até origem a eclosão duma lenda realmente abonatória da imaginosa inventiva dos meus apreciados contemporâneos.

Compunham-na: um sujeito idoso, corpulento, com uma perna artificial, mas de porte distinto — D. Gregório, de seu nome; uma senhora um pouco mais nova, e que ninguém conseguia ver na rua ou à janela; e, finalmente, um mancebo esguio, duns 25 anos, pálido, com olhos melancólicos de iris azul-celeste, e fulva bigodeira à Kaiser. Este jovem usava um comprido sobretudo cinturado e um imponente kèpi marcial, que lhe davam aparência militar. Chamavam-lhe aqui D. Carlos, e diziam-no filho sómente da reclusa dama, muito embora ele tratasse o venerando ancião inválido como pai.

Este digno e misterioso trio era genericamente conhecido pelos «Alemães» e entendia-se, no seu resumido contacto com a população pombalina, num castelhano sofrível. No entanto, desconhecia-se-lhes a pátria de origem (as autoridades, que o sabiam, eram discretas), de que meios viviam, e que laços de parentesco os ligavam. Então — era fatal! — nasceu a lenda, que logrou perdurar vários anos, corrigida e ampliada pelos que ansiavam dar quina de informação ao próximo, aparentando «beber do fino».

No dizer da voz pópuli corrente, tratar-se-ia nada menos que duma família de príncipes imperiais da estirpe dos Romanof, parte dela dizimada pela revolução bolchevique, e a restante emigrada no Ocidente. Nesta versão, a senhora invisível seria princesa; D. Carlos, portanto, príncipe; e o velho devia ser um boiardo, nobre e leal servidor, que os acompanhara na fuga e agora servia, dedicadamente, no exílio. Tal explicação era de molde a satisfazer a curiosidade aos abelhudos, e não apresentava risco sério de inverosimilhança, por estarem ainda frescos os relatos dramáticos da imprensa, em que se contava o que ocorrera em Tsarskoïé-Sielo, no país das estepes.

Que admiração causaria, pois, se uns aristocratas russos-brancos expatriados viessem escolher a remansosa foz do Guadiana para habitat discreto, até que se esfumasse a tormenta rubra? Para mais, e ao comparar as gravuras dos magazines e os filmes em que entravam nobres foragidos tsaristas, notava-se a flagrante semelhança com os traços eslavos destes, o que, somado à dignidade de maneiras e à delicada reserva em que se comportavam, só podia atribuir-se à «nobreza de raça» e confirmar os rumores difundidos.

Já havia quem asseverasse ter visto, ao espertalar pela varanda dum quintal, a «princesa» vestida com trajes de corte — com diadema e tudo! — talvez revivendo galas palacianas de outrora... Outros diziam tê-los ouvido cantar, em coro, canções estranhas parecidas com as melopéas cossacas do Don e do Volga, escutando o tinar dos copos quebrados, depois de brindarem à usança eslava; e até um rapaziote — que lhes fazia recados, mas nunca ultrapassava a soleira da porta — afirmava, convicto, ter avistado num armário fardas com dragonas douradas e medalhas. Enfim, o mito a nascer...

Afinal, a realidade era bem outra e a verdade, como sempre,

VINHOS

Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprarem, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.

foi rasgando os véus da fantasia, aos poucos, dissolvendo em factos cruentamente prosaicos a romântica e sedutora historietta popular.

Foi o caso que, no decorrer dos anos, os meios económicos daquela discreta e simpática gente parecia irem-se esgotando, dado que a apresentação impecável dos dois homens, na rua, ia perdendo aquele brilho dos tempos anteriores. Sentia-se que viera a decadência e a penúria visitá-los. Mudaram de casa para outra mais barata, junto à minha, e o D. Gregório passou a trabalhar como técnico duma pequena industria de recuperação do estanho, numa fábrica de conservas, já que era engenheiro-químico diplomado. Entretanto, o D. Carlos, comerciava selos usados e fazia traduções de lingua alemã, que muitas vezes não eram pagas, visto a maioria dos business-men da nossa terra estarem conpendidos, então como ainda hoje, de que o esforço intelectual não é trabalho, e portanto não necessita de remuneração.

A lenda imperial teve o seu último golpe decepcionante ao saber-se que eles eram sudetas, tornados cidadãos checoslovacos após o Tratado de Paz de Versalhes, e originários duma zona de minorias a que não desejavam regressar. Durante a guerra, achavam-se na Alemanha, onde o chefe da família se empregava numa mina da Silésia, e a esposa ali sofreu grave traumatismo nervoso, o que explicava a sua prolongada clausura doméstica, assim como a recusa de receberem visitas. Quanto ao marido, também havia sofrido um acidente na mina, em que perdera a perna, recebendo, por isso, através da Espanha, uma pensão de invalidez, em pesetas, com que todos viviam decentemente no Algarve, por ser meio tranquilo e de vida barata, em atenção ao câmbio.

Mas o dinheiro desvalorizou-se com a crise económica europeia. Os meus vizinhos «Alemães», tendo a fábrica encerrado e vendo já perdidas as possibilidades de continuarem por aqui — agora sem a precedente auréola principesca — tiveram de ir procurar, em Lisboa, outras fontes de recursos para viverem. O filho, o «ex-príncipe» D. Carlos, empregou-se como correspondente estrangeiro, e foi lá que os pais findaram os seus dias, como vim a saber posteriormente.

E aqui está como românticamente se forjam certas lendas populares cor-de-rosa, e como também se desfazem — as que se desfazem... — perante as cinzentas realidades da vida.

Fernando Moraes

EXAMES

Para exames da 3.ª e 4.ª classe e admissão aos liceus, habilita senhora, na Rua Dr. Sousa Martins, n.º 2 — Vila Real de Santo António.

MOTORES 'DIESEL'

4 TEMPOS, ARRANQUE INSTANTANEO A FRIO



O MAIS ECONOMICO LAVIA PRATICO PARA A AGRICULTURA E PEQUENA INDUSTRIA

AGENTES GERAIS NO ALGARVE

Emp. de Viação Algarve, Lda.

FARO



DESPORTO FUTEBO

Campeonato Nacional da III Divisão (Zona D)

LUSITANO, 1 — ATLÉTICO DE MOURA, 4
1.º TEMPO, 1-0

Campo: Francisco G. Socorro.
Árbitro: Mário de Mendonça, de Évora.

Lusitano: Balbino; Antero e Gomes; Daniel, Pescada e Fernando; Almeida, Raimundo, Marcos, Parra e Lima.

A. Moura: Ganhão; Herbert e Delgado; Costa, Janeiro e J. Bernardo; Aníbal, Adão, Marques, Acabado e Hilário.

Aos 14 minutos, Raimundo obteve o primeiro golo de encontro, depois de primoroso centro de Marcos, concretizando desta forma o melhor jogo da sua turma, que, até ao intervalo, actuou sempre em plano superior ao antagonista, dispondo de ocasiões não aproveitadas por precipitação.

A forma fácil como os locais vinham actuando, embora sem marcar, deixava transparecer um desfecho favorável, apenas sendo motivo de expectativa o número de golos em que se cifraria a sua vantagem.

A defesa pouco trabalho teve até ao intervalo, exibindo-se com perfeito a-vontade, o que transmitia confiança aos restantes sectores, que passaram a jogar sem pressas, certos de que a vitória não poderia escapar-lhes.

No segundo tempo, tudo se modificou. A equipa que parecia vencida, sem armas para se impor ao antagonista, ressurgiu, passando a exhibir-se com muito mais ligação e tornando de fácil execução lances que no primeiro tempo não tiveram êxito por falta da mesma.

Logo aos 5 minutos, o marcador foi posto a funcionar, colocando o resultado em igualdade, com um tento de Hilário, apontado de forma indefensável para qualquer guarda.

Este golo e a forma como reagiram os visitantes surpreenderam os locais, que nunca mais se encontraram, cedendo visivelmente ao jogo daqueles.

Aos vinte minutos, o mesmo jogador tornou a marcar, colocando o seu grupo em vencedor, para Adão e Marques, aos 40 e 43 minutos, respectivamente, fixarem o resultado, que apenas pecou por demasiada expressão dos números.

Efectivamente, a vitória pendeu para a equipa que mais fez por merecê-la, embora não fosse a que mais domínio territorial exerceu; contudo, um golo de diferença traduziria bem o desenrolar do jogo, considerando que os vencidos também criaram inúmeras ocasiões, mas desperdiçadas, talvez pela forma atabalhoada como pretendiam chegar às redes contrárias.

De salientar, que os golos dos vencedores foram todos obtidos com pontapés à boca das redes, concluindo lances urdidos entre vários elementos, que batiam com facilidade os defensores da casa, entrando na sua grande área como em terreno conquistado.

Balbino não teve, por isso, culpa nos golos sofridos; defendeu tudo quanto tinha defesa, e até no primeiro tempo fez lembrar o Balbino de outras eras, executando magistral defesa em voo, sem que a bola lhe tivesse escapado. Foi um lance que valeu um desafio.

A arbitragem teria agradado se tivesse levado em conta que só a dois jogadores é permitido utilizar as mãos... nas suas áreas.

Outros resultados:
Silves-S. Faro e Benfica . . . 5-0
Desportar-S. Domingos . . . 2-2

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P	
Silves . . .	10	7	3	—	27	8	17
S. Domingos . . .	10	5	3	2	28	13	13
Moura . . .	10	5	1	4	19	23	11
Desportar . . .	10	4	3	3	23	19	11
LUSITANO . . .	10	2	1	7	20	20	5
S. F. Benfica . . .	10	1	1	8	11	45	8

Hoje, no «Estádio Padinha»

A valorosa equipa do Vitória de Setúbal jogará com o Sporting Clube Olhanense

A visita do agrupamento da I Divisão, como era de calcular, obrigou o Sporting Clube Olhanense a pesados sacrifícios.

A gerência do Olhanense, entretanto, ansiosa por apresentar os desportistas algarvios com desafios de categoria, correu mais este risco. A presença da valorosa equipa do Vitória Futebol Clube, de Setúbal, que se apresentará com todos os seus titulares, merece na verdade o sacrifício dos dirigentes do clube algarvio, interessados em angariar meios financeiros para a valorização do seu team.

Parece, até, que não ficarão por aqui. Segundo consta, pensam ainda fazer mais dois jogos com clubes estrangeiros...

Entre o Olhanense e o 1.º divisionário, desde há muitos anos que existe excelente amizade.

A exibição do grupo setubalense, como não podia deixar de ser, está a ser aguardada com a maior expectativa. Os jogadores Vaz, Pinto de Almeida, Soares, etc. vão ser observados por milhares de espectadores. Será um dia grande para o futebol olhanense. Promete-se, ainda, a jogarem pelo Olhanense, os internacionais juvenis Nuno e Parra.

Ténis de Mesa

Olhão dedica-se com fervor à prática dos desportos. Um está agora a criar entusiasmo — o Ténis de Mesa. Segundo consta, está a formar-se nesta vila uma comissão para officiar à Federação Portuguesa da modalidade, no sentido de se criar em Olhão uma Associação Regional. Muitos clubes algarvios já se têm pronunciado favorável-

mente. Esperemos, pois, que ela se torne realidade.

Na passada semana, terminou com brilho o torneio para disputa da taça «Início», realizada na Sociedade Recreativa Progresso Olhanense. A final foi jogada entre o Sporting Clube Olhanense e o Arsenal Futebol Clube de Olhão, saindo vencedores, por 5-1, os rapazes do Arsenal. Alinharam por este: Lucas, Baptista e Ivo, e pelo Olhanense, Kangel, Reis e Eusebio.

Porque não se realiza agora um encontro, num local a marcar, entre o campeão de Vila Real de Santo António e o de Olhão? A ideia não deixaria de ser interessante.

Nuno e Parra receberam a consagração dos desportistas olhanenses

No passado domingo, o Estádio Padinha recebeu numeroso público, que ali foi entusiasticamente aplaudir os jovens juniores internacionais, Nuno e Parra. Realizaram-se dois encontros de futebol para a homenagem aos bravos jogadores do Olhanense que conseguiram envergar a camisola das quinás. Os jogadores em questão foram depois cumprimentados pela direcção do clube, tendo recebido várias ofertas.

São, portanto, mais dois internacionais que o Olhanense conta.

Heroulano Valente

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua de Comércio.

ÓQUEI e BASQUETEBOL

Falecimentos

No passado domingo, realizaram-se, no Parque dos Bombeiros Voluntários, dois encontros desportivos: um de óquei em patins entre as equipas da Académica de Vila Real e da Flor de Lis — equipas estas que pela primeira vez pisam um ringue — e outro de basquetebol entre a Flor de Lis e o grupo «Os Olhanenses», que se deslocou a esta vila.

ÓQUEI EM PATINS

Flor de Lis, 6 — Académica, 5

Apesar da formação da Académica ter melhores valores, os jovens da Lis, com mais apego à luta e lances de melhor coordenação, mereceram a vitória. Ambas as equipas jogaram sem ligação, pecando pelo individualismo que se notou com nitidez e que prejudicou a beleza de um jogo de óquei em patins.

Aconselhamos, pois, a que os jovens estreantes joguem com mais ligação e não pratiquem o individualismo, que tão nefasto é para o desporto em geral.

Salientou-se, de entre todos os óquistas, Jeanott que jogou com muito acerto e fez movimentar a sua equipa, conduzindo-a à vitória. O árbitro José Luis, agradeceu.

BASQUETEBOL

«Os Olhanenses», 44 — Flor de Lis, 18

Os grupos alinharam: Flor de Lis — Gavino, Bernardino, Branco, Andrade, Armando, Albano, Jara e Primo. «Os Olhanenses» — Canha, Madeira, Aldemiro, Serrano, Simões, Hernani, Gomes e Armando.

Como era de esperar, a vitória coube à equipa de «Os Olhanenses», que superior conjunto e melhor preparação técnica e física apresentou.

Foi um jogo fácil para os rapazes de Olhão, que, desde o primeiro momento, dominaram nitidamente o adversário. O encontro decorreu movimentado, o que suscitou, do princípio ao fim, o interesse da assistência por tão atraente e violento desporto, que é o basquetebol.

Os elementos visitantes desenharam no rectângulo jogadas com certo brilhantismo e agilidade, proporcionando bom espectáculo desportivo. A equipa de «Os Olhanenses» deixou-nos boa impressão. Quanto à Flor de Lis, apresentou um conjunto muito fraco e os seus elementos demonstraram desconhecimento de muitas regras, o que imenso os prejudicou. Precisam de muita preparação e de mais contacto com clubes.

Na Flor de Lis, evidenciou-se Andrade, que muito se esforçou pela sua equipa, e em «Os Olhanenses», todos jogaram em bom plano.

José Agostinho

FUTEBO

Hoje, às 16 horas, no campo «Francisco Gomes Socorro», disputa-se um encontro de futebol entre as equipas do «Grupo Desportivo S. Brás» e Grupo Desportivo «Flor de Lis».

TRESPASSA-SE

Ou arrenda-se estabelecimento comercial, nesta vila, com toda a existência, muito bem situado, com dependência anexa para contra-loja ou qualquer ramo de comércio. Informa: João Inácio Pato, Rua Dr. Miguel Bombarda, 58.

Novos assinantes

Por intermédio dum nosso assinante, e certamente conterrâneo, a quem pedimos a fineza de se identificar, visto apenas se assinar por Baptista, inscrevem-se como assinantes os srs. António Ramos, Agostinho José Cesário e José Custódio, e as sr.ªs D. Rosa do Carmo Lido e dr.ª D. Isabel Franco Pinhal.

Também tivemos o prazer de inscrever como assinante do nosso jornal o conterrâneo sr. António Rodrigues Afonso, residente em Leixões, por indicação do nosso conterrâneo sr. João da Palma Carmo.

A todos, os nossos agradecimentos.

João Ribeiro Barbosa

Faleceu nesta vila, em 27 de Abril, findo, após prolongada enfermidade, o nosso estimado amigo e assinante sr. João Ribeiro Barbosa, de 78 anos, litógrafo e também fotógrafo de arte muito competente, tendo sido empregado técnico da firma Parodi, durante muitos anos.

O extinto era casado com a sr.ª D. Carlota de Almeida Barbosa, irmão da sr.ª D. Catalina Barbosa e Barbosa, e tio das sr.ªs D. Francisca Barbosa e D. Joana Barbosa Guerreiro, esposa do nosso prezado amigo e colaborador, sr. Alvaro Magno Guerreiro, farmacêutico nesta vila.

O seu funeral teve numeroso acompanhamento, em vista de o finado e sua família serem aqui muito estimados e considerados, tendo-se feito representar, especialmente, a classe dos Gráficos, de que o extinto era o decano, a qual ofereceu uma coroa, com dedicatória.

No préstito, incorporaram-se os Bombeiros Voluntários locais, de que o falecido era sócio-fundador.

A família enlutada, apresenta o «Notícias do Algarve» a expressão sincera das suas comovidas condolências.

D. Catarina Maria

Faleceu nesta vila, em 28 do passado mês, a sr.ª D. Catarina Maria, de 67 anos, natural de Caceia. A extinta era mãe dos srs. Francisco Luis Viegas, Fernando Maria Madeira, e da sr.ª D. Maria Julieta Moita.

Os nossos pêsames.

D. Faustina Martins

Também no dia 28, faleceu a sr.ª D. Faustina Martins, de 66 anos, operária fabril, natural desta vila, solteira.

A família enlutada, apresenta-nos condolências.

Estes funerais estiveram a cargo da «Agência Patrocínio».

D. Maria da Conceição A. Lopes

Em Estoi, onde últimamente residia, faleceu no dia 24 de Abril, findo, a sr.ª D. Maria da Conceição Azevedo Lopes, de 73 anos, viúva, natural desta vila.

A bondosa extinta era mãe do nosso querido amigo e conterrâneo, sr. dr. Manuel Pancrácio de Azevedo Leiria, médico da Casa do Povo de Estoi, sogra da sr.ª D. Natália Gago Leiria, irmã da sr.ª D. Elvira Trindade Azevedo Vaz-Velho, e cunhada do sr. Fernando Silvério Leiria, nosso prezado assinante.

A família enlutada, endereça-nos as nossas condolências.

João Machado Vaz-Velho

No dia 25 de Abril, faleceu em Faro o sr. João Machado Vaz-Velho, de 72 anos, natural desta vila, despachante oficial da Alfândega, sócio-gerente da firma Marques, Vaz-Velho & Caiado, Lda., e vice-consul da Dinamarca.

O falecido era casado com a sr.ª D. Elvira Trindade Azevedo Vaz-Velho, pai das sr.ªs D. Catalina Azevedo Vaz-Velho e D. Maria da Encarnação Azevedo Vaz-Velho Almeida Lopes, e sogro do sr. dr. Hortêncio Pais de Almeida Lopes, director da Escola do Magistério Primário, em Faro.

A família enlutada, apresenta-nos as nossas sentidas condolências.

Manuel Jacinto do Prado Quintino

Faleceu em Lisboa, em 26 do passado mês, o sr. Manuel Jacinto do Prado Quintino, de 73 anos, natural de Castro Marim, farmacêutico, viúvo. O finado era pai dos srs. eng. José António Feio do Prado Quintino e dr. Luís António Feio do Prado Quintino.

O funeral saiu da sua residência, na R. Carlos Mardel, 118 r/c, E., para jazigo de família.

Os nossos pêsames.

TRADUÇÕES E CORRESPONDÊNCIA

em Francês, Italiano, Espanhol, Inglês e Alemão (Comercial ou Técnica), executo em m/ casa, em máquina nova própria, com rapidez e discreção.

F. MORAIS RODRIGUES
Rua Miguel Bombarda, 30
Vila Real de Santo António

RELÓGIOS - RELÓGIOS

Hoje, amanhã e sempre
BOAS MARCAS E COM REPUTAÇÃO MUNDIAL
SÓ NA ANTIGA CASA
RAMOS & MATEUS
R. Teófilo Braga - Vila Real de Santo António

Latas vazias, brancas, tipo 10 quilos servidas de atum, em muito bom estado, vendem-se cerca de 5.000, próprias para anchar biqueirão.
Resposta ao apartado n.º 62 — SETÚBAL

Atenção

O proprietário do Café Restaurante «JANELAS VERDES» participa à sua vasta clientela, de Vila Real e de todo o Algarve, que já vende CERVEJA DE BARRIL.
AS MAIS VARIADAS TAPAS HÁ SEMPRE MARISCOS
LUÍS FÉLIX

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

PEDAGOGIA EQUESTRE

Até os próprios animais melhor se domesticam pelo regime da doçura do que pelo regime da violência. É essa a convicção dos drábes. Convicção que eles põem em prática. Os seus cavalos, que têm fama, eles os adestram pelo sistema da carícia, nunca lhes batem, nunca lhes impõem nada de arbitrário. E daí os cavalos ganham uma extraordinária docilidade, beleza e bondade. Chegados à noite, pouco falta para que durmam na esteira com os donos. Se um cavaleiro cai do cavalo, na corrida, logo o cavalo para, e só não lhe presta socorro, porque para tanto lhe falta o uso da razão.

Ora, se os cavalos gostam de ser tratados com doçura, que não diremos dos homens!

«E ELA VOS FOI FIEL...»

Du Guay-Trouin contava, um dia, a Luís XIV, as suas explorações, e contava-as com tal entusiasmo que, a certa altura, numa atitude de garbo marcial, disse: «Ordenai, então, à Glória que me seguisse...» E, logo, Luís XIV:

«E ela vos foi fiel...»

Diremos nós: a glória, do mesmo modo que a vitória, só são infléis a quem não trabalha por elas. Glória e vitória não constituem quinhão para preguiçosos de carreira, para abúlicos de nascença, para invertebrados de profissão, para os invertidos da virilidade moral, para os insexuados da inteligência.

OLHOS DE VITÓRIA & OLHOS DE DERROTA

Já está vencido quem, só de olhar o inimigo, sentiu subir-lhe, pela espinha, a larva de neve do medo. Os que, logo de entrada, se deixam vencer pelos olhos, nem esperam pela cutilada do inimigo: desertam, a sete pés, para parte incerta...

Mas, se pelos olhos a derrota se pode insinuar, também deles pode chispar a vitória. Há olhos vitoriosos como há olhos vencidos. E se estes respiram timidez, aqueles nadam num lago de serena confiança.

HOMEM

Tudo o que digamos de mal em relação ao homem — ainda é pouco. E tudo o que de bem digamos a seu respeito, ainda não chega. Temos motivos de sobra para dele dizer o que Mafo-ma não disse do toucinho. Mas também não nos faltam razões para o pendurarmos nos cornos da lua, porque, afinal, na bela frase de Renan, «esse ser admirável, num minuto entre duas eternidades — a que está antes do nascimento, e a que vem depois da morte — ainda teve tempo para criar a ciência, a religião e a arte.»

Como as línguas de Esopo, o homem é a pior e a melhor das coisas.

POR UM PORTUGAL MAIOR

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

se lugar do que com qualquer problema nacional — e o resultado foi que, de facto, Portugal chegou a ser uma nação moribunda.

Foi necessário que Salazar viesse já há alguns anos a realizar uma extensa obra de electrificação nacional, para que fosse financeiramente possível ao País abalçar-se à grandiosa obra de aproveitamento hidroeléctrico que está em curso. Concomitantemente, ganhámos também novas forças para os grandes empreendimentos económicos e, assim, já nos é possível utilizar adubos químicos e pasta de papel fabricada por nós próprios — e novamente o facto se reflecte na economia nacional, através de uma dupla poupança de divisas: as respeitantes a carvões e as referentes a esses produtos que deixámos de importar.

Porém, não é este aspecto grandioso o único consequente do facto de actualmente possuímos uma energia eléctrica abundante e barata: tornou-se agora possível, sem mais reservas, levar a electrificação

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

O PROBLEMA AGRÁRIO PORTUGUÊS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

dos e soluções mais drásticas e ousadas, entre as quais seria preciso considerar o problema demográfico, o da produção geográfica (zonas de cultivo adequadas a cada região, etc.), a industrialização da actividade agrícola, que exige, por mais económica, a criação de grandes granjas onde o cavador é substituído pelo mecânico e o engenheiro ocupa o lugar do anacrónico feitor.

Tudo indica (tomando como ponto de referência o que se passa na Escandinávia, na Califórnia, na Austrália, etc.) que o camponês do futuro será um cidadão culto, perito e técnico na sua profissão, o que, só por si, é elemento de capital importância, pois muito há a esperar da racionalização

do trabalho e do tratamento científico das terras e das culturas, trabalho que não pode ser feito convenientemente por quem não tenha preparação cultural adequada.

Entretanto, e apenas circunscrito ao problema agrário em Portugal, nada perderiam os estudiosos se consultassem a magnífica lição que o dr. Mário Gonçalves Viana pronunciou na tribuna da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, subordinada ao tema «O Problema Agrícola Português considerado à luz da psicologia, da pedagogia e da sociologia», e que foi incluída num dos Cadernos Culturais daquela Liga, pois trata-se, realmente, de uma obra digna de estudo dos que se interessam pela matéria.

DIMENSÕES MÍNIMAS

DE CORRESPONDÊNCIA

A Administração Geral dos C. T. T. tornou público que, a partir do dia 1 de Julho do corrente ano, não poderão transitar pelo correio correspondências postais de forma rectangular cujas dimensões sejam inferiores a 10x7 centímetros.

Esta restrição, consignada na Convenção Postal Universal, aplica-se tanto ao serviço nacional como ao serviço internacional.

Jantar de despedida

Devendo partir para o Canadá, em 15 do corrente mês, o sr. Rogélio Miguel Anica, tencionam os seus amigos oferecer-lhe um jantar de despedida.

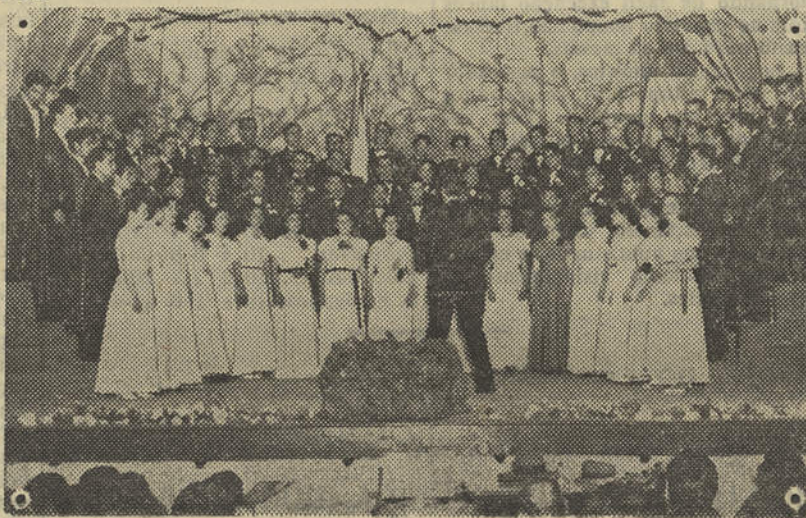
Recebe as inscrições para o mesmo o sr. Fernando Belião, na Farmácia Carrilho.

A VISITA DA SOCIEDADE ORFEÓNICA DE AMADORES DE MÚSICA E TEATRO DE TAVIRA

No próximo dia 8, às 21,30 horas, realiza um espectáculo no Cine-Foz a Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, de Tavira. Serão madrinhas do orfeão visitante a distinta poetisa, nossa conterrânea, sr.ª D. Maria das Dores Dominguez Ramirez, tendo como damas de honor as sr.ªs D. Maria Isabel Abecassis Correia e D. Maria de Fátima Carrilho Medeiros.

Fará a apresentação do espectáculo o conhecido e competente musicólogo, sr. Alvaro Magno Guerreiro.

Do programa, constarão os números a que se faz referência noutro local deste semanário, em notas de apreciação, da autoria do nosso correspondente na vizinha e histórica cidade de Tavira.



TAVIRA ESPECTÁCULO DE AMADORES

O TEATRO de Amadores em Tavira — pese embora a certos «críticos» maldizentes — está de parabéns. No curto espaço dum mês, duas agremiações populares — o Clube Recreativo Tavirense e a Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro — fizeram subir à cena, no Teatro António Pinheiro, dois grandiosos espectáculos onde a mocidade balsemou mais uma vez demonstrou as lídimas qualidades que possui para a Arte Teatral.

O Clube Recreativo fez representar a peça dramática em 2 actos «Sangue Azul», da autoria de Manuel José do Carmo, e o passatempo teatral, género revista, em 1 acto e 10 quadros, da autoria de Vivaldo Beldade, com 16 números de linda música dos mestros José da Silva Domingos e Herculano Rocha, e ainda de Sebastião Leiria e Aureliano Leite.

Este espectáculo obteve um merecido êxito. A lotação do Teatro esgotou-se, tendo o público premiado os autores e os intérpretes com repetidos e quentes aplausos e chamadas insistentes ao encenador. Não obstante o triunfo alcançado, a imprensa local criticou-o desfavoravelmente, mesmo com merecida aspezeza, mas os tavirenses conhecem as razões que determinaram tais pseudo-críticas. Ainda hoje, quebrados os ecos do acinte jornalístico, subsiste a animadversão pública contra os que, devendo amparar tais organizações, se comprazem em denegri-las.

O Orfeão, composto de 100 figuras, entre as quais se destaca um lindo friso de 17 meninas e senhoras, apresentou 8 números esplêndidos, cantados a primor sob a hábil regência de Sebastião Leiria, um novo que à cultura musical e teatral tavirense tem emprestado o melhor do seu saber e vontade. Destacarei os que de mais perto tocam a alma sensível das nossas gentes: Romper da Alvorada, do maestro Herculano Rocha; O' Prima! (motivo alentejano), do maestro J. da Silva Do-

mingos, e, sobretudo, Cantares Algarvios, uma alegre rapsódia de Sebastião Leiria.

A 2.ª parte do sarau foi preenchida pela primorosa peça em 1 acto, Rosas de todo o ano, de Júlio Dantas, desempenhada a primor pela notável amadora Olga Soares, bem coadjuvada por Lúcia Horta e Amandina Martins.

A revista Quando o Algarve canta e ri, de Sebastião Leiria, com música do mesmo, constituiu um excelente repositório de motivos algarvios, num colorido e alegria comunicativa. Lindíssimos números de música, bailados marcados a capricho, belas canções regionais, tudo bem coordenado, dão à parte final do sarau um halo de beleza folclórica, que o público premiou com quentes aplausos. Algumas vozes frescas, entre as quais destacamos as de Manuela B. de Jesus, Maria Suzel Bagarrão, Maria Libânia Gonçalves, que nos dá uma mouro de bom recorte, e Custódio Feliciano. Da interpretação, diremos que todos fizeram por dar ao conjunto uma coesão agradável.

A nossa província perpassa, assim, ante o público com os seus cantares e todo o seu regionalismo. Vai, pois, o Orfeão de Tavira, com os seus grupos Folclórico e Cénico, levar a Vila Real de Santo António, Évora e Reguengos de Monsaraz, por agora, um pouco da alegria e da vida algarvias.

Oxalá que os fados lhe sejam propícios!

Tavira, 29/4/55. M. C.

A NOSSA TERRA

DONATIVOS PARA A PRIMEIRA FASE DAS OBRAS DO ALTAR-MÓR

DA IGREJA PAROQUIAL

Para as importantes obras de restauro e embelezamento do altar-mór da nossa Igreja Paroquial, cuja inauguração se realizará brevemente e cujo custo excede largamente o orçamento inicial, recebemos mais os donativos seguintes:

Transporte da última publicação . . .	110.639\$20
João Adelino Rodrigues Centeno . . .	50\$00
João Miguel . . .	50\$00
Pensão Mateus . . .	50\$00
D. Isabel Barbosa C. Baptista . . .	100\$00
D. Maria Duarte Baltazar . . .	50\$00
Don Mário Parodi . . .	5.000\$00
Don João Parodi e Esposa . . .	5.000\$00
António Ramires Maestro . . .	2.000\$00
D. Maria Rita de Sousa . . .	100\$00
Por intermédio de D. Luciana Cordeiro	1.000\$00
Vicente Rodrigues (Caves do Guadiana)	100\$00
D. Brites Rosa Marques Horta . . .	50\$00
D. Maria Rosa Sanches Baptista Borges	500\$00
Eng. José Francisco Baptista Borges . . .	500\$00
D. Maria das Dores Tenório . . .	1.000\$00
Manuel Antunes Caldeira . . .	50\$00
Anónimo . . .	130\$00
Alberto Oliva . . .	50\$00
D. Eduarda ? (cem angolares) . . .	90\$00
D. Cipriana Saens . . .	500\$00
Sebastião Vasques de Rodrigues . . .	500\$00
D. Joana Tenório Tarruella . . .	600\$00
D. Isabel Tenório Diogo . . .	600\$00
Prof. Caldeira Alexandre . . .	50\$00
D. Rita Domingues Salvador . . .	100\$00
Total . . .	128.859\$20

O Pároco, Padre Joaquim Galhardo

SANTA SENHORINHA E O SEU MILAGRE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

das e tão bárbaras, se morria de amor em Portugal!

A Senhorinha, não! Quando D. Godinha subiu aos céus, sucedeu-lhe como abadessa; mudou o mosteiro de Vieira para Basto, onde seus pais e avós tiveram assento de sua ilustre casa e possuíam muitas terras, no concelho de Cabeceiras, d'aquem e d'alem do rio Tâmega.

Aqui passou Senhorinha o resto dos seus anos, que foram longos, em orações e penitências, sendo visitada algumas vezes pelo seu parente, S. Rosendo. Faleceu em 22 de Abril de 982, aos 58 anos de idade. Foi sepultada na igreja paroquial de Basto, que se intitula de Santa Senhorinha, onde o seu corpo resplandece com grande cópia de milagres, desde então, sendo muito visitada por gente de fé.

Um dos seus milagres mais tocantes deu-se no ano de 1220, reinando em Portugal D. Sancho I. Encontrando-se este monarca em terras de Entre-Minho e Douro, foi seu filho e herdeiro, o belo príncipe D. Afonso, de 15 anos de idade, acometido por doença misteriosa e tão grave que todos o julgaram morto.

Nessa grande aflição, nada havendo a esperar da ciência dos homens, resolveu recorrer aos poderes do Céu. Aconselhado por seu mordomo-mor, D. Gonçalo Mendes de Sousa, descendente directo de D. Hufo Hufes, foi o rei pessoalmente ajoelhar humildemente perante o sepulcro da miraculosa santa, pedindo, com lágrimas e gemidos, a saúde (antes a vida, porque todos o julgavam morto) de seu filho tão querido. Aos seus votos acrescentou a promessa de lhe mandar fazer coto a sua igreja e demarcar as terras do seu distrito.

E não foram de todo vãs suas orações e promessas, porque o mal do príncipe a santa afastou por dois anos, e a morte por vinte e três. O milagre de agradecer seria que o deixasse ir para Deus, quando Ele o chamou da primeira vez!

Ao cabo de dois anos, D. Afonso começou a engordar sem motivo, tornando-se monstruosamen-

te obeso, parecendo um velho de sessenta, incapaz de subir para um cavalo, de manejar uma espada, naquelas belicosas eras em que havia tantos inimigos da fé a combater!

Aos trinta e dois, foi atacado do repugnante mal da lepra, que o levou à sepultura aos trinta e seis, desprezado de todas as classes da nação, do clero, da nobreza e do povo, excomungado pelos bispos e pelo papa, tudo sem motivo, sem haver quem o pudesse salvar, — nem Santa Senhorinha nem outros santos da corte do Céu, a quem não cessava de recorrer, segundo sua fé natural e educação!

Sousa Nunes

Deliberações

DA ASSEMBLEIA GERAL DA CASA DO ALGARVE

SOB a presidência do eng. geógrafo sr. dr. José António Madeira, reuniu-se a assembleia geral extraordinária da Casa do Algarve, que deliberou que a eleição dos corpos gerentes passe a efectuar-se de dois em dois anos; que aos presidentes dos corpos sociais da instituição, com mais de cinco anos de actividade, seguida ou interpolada, possa conferir-se o título de presidente honorário, em relação à última presidência exercida, desde que hajam prestado serviços considerados relevantes, e que o conselho superior regional, como órgão consultivo e de estudo, dos problemas que interessam à economia do Algarve e à sua valorização social, passe a ser constituído por dois representantes de cada concelho administrativo da província, um eleito biennialmente pela assembleia geral, e outro pelos sócios do respectivo concelho, ou nomeado pela direcção, e ainda por um ou mais delegados locais, cuja indicação será solicitada aos municípios interessados. Também foram proclamados presidentes honorários, respectivamente, da mesa da assembleia geral, do conselho fiscal e da comissão de beneficência, os sr. dr. Amadeu Ferreira de Almeida, António Libânio Correia e coronel Manuel Aboim Ascensão de Sande Lemos, em reconhecimento dos altos serviços prestados à agremiação; e, como sócio benemérito, o administrador do Ultramar, sr. Constantino Pereira de Lima, pelas importantes ofertas que tem feito à Casa do Algarve, de trabalhos de arte da sua autoria.

TAVIRA

Vende-se uma CASA, na Praça da República, composta de rés-do-chão, 1.º e 2.º andar. Nesta redacção se informa.

Papel Vegetal

Vende, aos melhores preços, Clemente & Filhos, Lda., Telefone 92, Vila Real de Santo António.